



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2387 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)

GT 12 - Currículo

Pesquisando currículos *nosdoscum* os cotidianos de uma escola na periferia do RJ: ?Ocupemos esse lugar que sempre foi nosso?

Eduardo Prestes Massena - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar o movimento de ocupação liderado por estudantes de uma escola de ensino básico no ano de 2016. Nesse sentido, torna-se necessário perceber como os *praticantespensantes* (OLIVEIRA 2012) movimentam as linhas abissais (SANTOS, 2010) e colocam para o lado de cá, elementos até então invisibilizados. Deste modo, passam a praticar outros currículos e pensar outras formações para além do que supostamente aprendiam nas aulas regulares. O resgate de fragmentos textuais e da memória dos dias de ocupação nos ajudam a montar uma colcha de retalhos que pretende discutir como a ocupação propõe um outro lugar (CERTEAU, 2012), reinventando no espaço ocupado uma outra escola.

Palavras-chave: Ocupação escolar; Cotidianos escolares; Práticas curriculares

Pesquisando os currículos *nosdoscum* os cotidianos de uma escola na periferia do RJ: "*Ocupemos esse lugar que sempre foi nosso*".

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar o movimento de ocupação liderado por estudantes de uma escola de ensino básico no ano de 2016. Nesse sentido, torna-se necessário perceber como os *praticantespensantes* (OLIVEIRA 2012) movimentam as linhas abissais (SANTOS, 2010) e colocam para o lado de cá, elementos até então invisibilizados. Deste modo, passam a praticar outros currículos e pensar outras formações para além do que supostamente aprendiam nas aulas regulares. O resgate de fragmentos textuais e da memória dos dias de ocupação nos ajudam a montar uma colcha de retalhos que pretende discutir como a ocupação propõe um outro lugar (CERTEAU, 2012), reinventando no espaço ocupado uma outra escola.

Palavras-chave: Ocupação escolar; Cotidianos escolares; Práticas curriculares

A força geradora deste trabalho é o incômodo ocasionado pelo mergulho (ALVES,2001) nos cotidianos escolares e, principalmente, ao me permitir percebê-los com vários sentidos. Se hoje, grupos econômicos e movimentos políticos conservadores avançam nos espaços escolares na tentativa de obter um maior controle sobre os *praticantespensantes* (Oliveira, 2012) desses espaços (se é que isso é possível), torna-se necessário, narrar as inventividades autorais/curriculares que (res)existem "escapando as totalizações imaginárias do olhar" (CERTEAU, 2012,pg.159). Fugimos, portanto, das armadilhas dos espelhos sociais (SANTOS, 2011; PRESTES e SUSSEKIND, 2017) que produzem números e pretendem escrever uma realidade específica baseada na lógica científica hegemônica. Entendemos que esses movimentos desqualificam o trabalho de professores e estudantes, invisibilizando suas criações curriculares cotidianas, desumanizando-os e tornando a área da educação em mais um negócio do mercado capitalista especulativo. E porque essa lógica não nos interessa? É que "existe uma estranheza no cotidiano que não vem a superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível" (CERTEAU, 2012, pg. 159). Essa estranheza constitui os currículos praticados (OLIVEIRA, 2012) e nos interessa observar nela toda a potência criativa muitas vezes desperdiçada ou subalternizada em detrimento da lógica quantitativa ainda dominante nos processos avaliativos/burocráticos das escolas.

Tomamos, portanto, a decisão epistemológica de não olhar de cima por considerar que este movimento “tritura em si mesmo toda a identidade de autores e espectadores” (CERTEAU, 2012, pg. 158) praticantes dos espaços escolares. Então como fazer para pesquisar nos/com os cotidianos escolares sem deixar que os levantamentos numéricos já existentes e os gráficos prontos brotem como estátuas a serem adoradas? Optamos por seguir as pistas (GINZBURG, 1989), puxar os fios desse tecido extremamente complexo, observando as relações de poder que ali se estabelecem provisoriamente em conjunto com os processos autorais constituidores desse espaço.

Torna-se também necessário reforçar que esse movimento de pesquisa não é solitário e possui o compromisso do não desperdício das experiências (SANTOS, 2010) entendemos como Manhães (2008) que

A tessitura do conhecimento em rede reconhece que nenhuma análise pode espelhar a realidade, nem é um produto de um sujeito radicalmente separado da natureza. O observador é participante e criador do conhecimento, sendo, cada um, responsável pela inclusão de novos nós na própria rede. (pg. 81)

Haveria um espaço específico aonde esses praticantes ordinários deixariam suas marcas ou pelo menos as pistas de como “usam” os produtos (CERTEAU, 2012)? Optamos, nesse sentido por trabalhar com as conversas, entendendo que nesse movimento não só falamos com estudantes, mas com nossas próprias experiências “pois os conteúdos em si mesmos são conversas (SUSSEKIND, 2014, pg. 31)”. Entendemos também que esse movimento promove a troca e reforça o entendimento de incompletude do que se pretende ensinar, alertando que sempre temos algo a aprender. Nesse sentido, assumimos a nossa própria (des)formação e nos colocamos como aprendizes do mundo (MANHÃES, 2008) passando a perceber nossa atuação no espaço escolar como um processo de autoria de cada um e de todos.

E qual o valor da conversa para uma pesquisa acadêmica? Como captar esses movimentos de idas e vindas que vão para além das palavras? Para Elias (1994) a conversa acontece quando:

Um parceiro fala, o interlocutor retruca. O primeiro responde e o segundo volta a replicar. Se considerarmos não apenas as observações e as contra-observações isoladas, (...) estaremos lidando com um fenômeno que não pode ser satisfatoriamente representado nem pelo modelo físico da ação e reação das bolas nem pelo modelo fisiológico da relação entre estímulo e reação. (pg. 29)

Portanto, esse caráter não hierárquico existente no movimento da conversa nos alimenta com os rastros e pistas e, para além disso, nos ajuda com a expansão das redes que nos interessam percorrer no decorrer da pesquisa.

Apesar deste trabalho ter como suporte a escrita, assume também um compromisso *político epistemológico* com a oralidade, muito próximo ao que Conceição Evaristo (2017) chama de *escrivências*, “escrita e vida ou escrita e vivência” no qual aborda o cotidiano do sujeito comum das periferias das grandes cidades brasileiras. Torna-se também necessário a esse movimento, deslocar as linhas abissais (SANTOS, 2010) que invisibilizam práticas escolares cotidianas e formas de fazer, buscando perceber outras possibilidades.

Essa pesquisa de doutoramento se dá numa escola que atende tanto estudantes do segundo segmento do ensino fundamental como também os do ensino médio. Está localizada no subúrbio do Rio de Janeiro e é frequentada por estudantes da zona oeste e zona norte da cidade. A ideia de subúrbio aqui trabalhada se aproxima a de Fernandes (2011) quando afirma que:

Sem dúvida, o ponto alto do significado e da interpretação histórica do subúrbio do Rio de Janeiro parece ter retido apenas aquela tradição de se vê-lo sob o ângulo do desprestígio social, ou como local dos que não têm direito à cidade, um problema que Soares expôs seguramente ao assinalar que este significado se instala no Rio de Janeiro a partir do início do século XX. Depois dos primeiros anos desse mesmo século, a palavra subúrbio foi ganhando um sentido de desprestígio social e passou a ser representação única e exclusiva dos bairros e subúrbios ferroviários ocupados por classes médias e baixas (pg.36)

Portanto, desse espaço/tempo suburbano, caminho no sentido de perceber as outras vozes que o habitam mas que não trafegam pelos documentos oficiais e nem pelas vias institucionais. São sussurros que serpenteiam pelas salas, pátio, corredores e muitas vezes também reverberam nas salas de aulas, se insinuam e vigiam “para captar no voo possibilidades de ganho” (CERTEAU, 2012, pg. 46).

Em 18 de outubro de 2016, no final do turno matutino, estudantes deliberaram em assembleia que ocupariam a escola. Na manhã seguinte, cheguei a escola e um estudante abriu o portão, pediu minha identificação funcional e se justificou explicando que era um procedimento padrão decidido em assembleia. Segui para a sala dos professores onde estavam meus colegas ainda sem saber o que fazer. Estudantes entraram e pediram a palavra para explicar o que ocorria. É interessante perceber que mesmo com o espaço escolar ocupado, a hierarquia estabelecida entre professores e estudantes parecia permanecer intacta. Uma estudante, emocionada, pediu a palavra e explicou que haviam tomado aquela atitude por entender que a escola era também dos estudantes e que eles deveriam ser escutados. Falou sobre os ataques do governo ao ensino médio (MPV nº 746) e de como era difícil tomar uma atitude radical de ocupação. Opto aqui neste trabalho em alternar narrativas pessoais com fragmentos textuais produzidos pelos estudantes que reuni em meu acervo nos últimos anos. Esse texto, que circulou nas redes sociais no período pós ocupação, nos dá algumas pistas sobre o impacto dos primeiros dias do movimento. Manterei o anonimato pois, nos interessam as pistas deixadas pelas narrativas e não a identidade autoral.

Primeiro dia de ocupação: eu tinha dito para minha mãe que iria à escola encontrar a minha professora de matemática e fazer o teste. Que nada. Eu sabia que, em plena manifestação do movimento estudantil, não poderia haver uma atividade daquela, principalmente, da forma autoritária como tentaram fazê-la. Cheguei às 8h e me deparei com uma barreira de pais indignados com pessoas que lutavam pelo futuro de seus filhos. Dei a volta. Caderneta na mão. Nome, turma, bom dia, revista, força de quem eu nem sabia o nome. Aqueles olhares me intimando a entrar na luta se reverberaram dentro de mim. Lá fui eu mostrar seus

efeitos. Onde estavam precisando de mim? Portão? Ronda pelo campus? Ajudar nas revistas? Dar a cara na grade? "Galera, vira de costas que a moça tá tirando foto!" E foi assim o dia inteiro. Choro. Desgaste. Aproximação. Ligações desesperadas dos meus pais.

Este relato, escrito ainda sob forte emoção nos dias que se seguiram ao final do movimento de ocupação expõe as diversas questões que passeavam na vida de uma jovem estudante descobrindo um outro caminhar possível em sua trajetória escolar e cidadã. O teste que não haveria, os pais indignados, a moça que tira foto ou aponta a arma fatal do mundo virtual. A oposição mais que nunca visível na relação de poder exercida pelos pais e a caderneta na mão, ironicamente exibida como um passaporte para a entrada no espaço que não era mais controlado pelo poder institucional. Como deslizam as linhas abissais e põem para dentro o que não estava visível naquele espaço, ressignificando inclusive a caderneta escolar, documento de controle aonde são feitas as anotações disciplinares dos estudantes. As informações corriam pelas redes que se formavam, tanto no espaço virtual como nas idas a escola, nas assembleias e nas rodas de conversa com os estudantes e responsáveis.

Primeira semana de ocupação: meu Deus, eu preciso de uma desculpa para estar lá. Estudar Matemática? Beleza! Oi, Parolin! Oficina de Teatro? Ótimo! Oi, mamãe, posso ficar até mais tarde? Sarau no bosque? Bacana. Deixa, papai, por favooooor! Oficina de como dançar a dança da mãozinha? Ok, isso não teve. Mas, se tivesse, com certeza seria um motivo. Tudo era motivo. Eu precisava estar ali. Eu já me sentia parte daquilo. Tudo ao meu redor me chamava e me trazia coisas que eu jamais tinha sentido. Quer ver um exemplo? Ficar no lugar dos tios do portão. Que tarefa difícil. Mas nós tirávamos de letra. Sol quente. Cadeirinha perto da porta do auditório. Levanta. Pega a chave. Abre o portão. Fecha. Volta pra cadeira. Tá vindo carro! Repete tudo. Sempre com um sorriso de "boa tarde" no rosto. Nem sempre correspondido, é verdade. Mas nós estávamos ali, é o que importa. E importaria enquanto eu conseguisse viver naquele espaço e contribuir, mesmo que com tão pouco, para o nosso movimento.

O compromisso da estudante com a ocupação colocava para dentro do espaço escolar tanto a matemática como a dança da mãozinha, também expunha o medo dos pais em deixar seus filhos no "espaço descontrolado da ocupação". O controle dos que entram e dos que saem, a função difícil do "tio do portão" e o lidar com as expressões de desaprovação dos que ali entravam não muito contentes.

Um novo mapa escolar estava sendo produzido com as inventividades e as reorganizações das salas de aulas em salas dormitórios, salas dos alimentos, etc. Essas inventividades também criavam espaços acessados apenas por estudantes, espaços para as aulas de apoio e espaços para as atividades maiores como palestras e apresentações artísticas. Portanto, eu, como professor, não podia circular pela parte do prédio escolar usada como dormitório e raríssimas vezes podíamos entrar no refeitório. A ocupação criava um novo lugar (CERTEAU, 2012), ou seja, "uma ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência (pg. 184).

Ao costurar esses fragmentadas, vamos dando conta de montar a colcha de retalhos de inventividades que se tornou a ocupação. Nem todos os espaços eram franqueados aos de fora (ELIAS, 2000), entenda-se os de fora como qualquer um que não estivesse efetivamente na ocupação.

Um outro texto, postado na página oficial da ocupação em uma rede social declara:

Ocupar é apoderar-se do espaço, permitindo que ele se torne o que somos. É o sinal físico da impossibilidade de se limitar ideias. Para além da reivindicação de um espaço, ocupar é também um discurso simbólico corporal. É apenas através dos corpos ocupantes que criamos redes de solidariedade, aproximando as pessoas no âmbito físico e permitindo que se reconheçam na opressão que sofrem.

Se por um lado estar no portão se torna uma função vital dentro da dinâmica da ocupação, produzir e pensar a ocupação enquanto movimento político por liberdade e solidariedade também o é. Quem são os que se reconhecem na opressão? Talvez aqui nesse trecho algumas pistas nos ajudem.

Primeiro mês de ocupação: Ok, eu não sou invisível. Eu posso fazer mais. Eu sou mais. Os problemas começam a mudar. Os medos também. A aflição só crescia. Tem que ver aquele documento. Tem que falar com o prefeito. Ih! Ele só fala com meninos. A gente não aceita isso. Dia de falar sobre feminismo na ocupação. Confrontos. Mais choro. União. Não estamos sozinhos. Temos uns aos outros. Melhor: temos umas às outras. Surgia uma força imensurável entre meninas completamente desconhecidas. Empatia. Tempos de viver feminismo na ocupação. Me empresta um sutiã? Vamos comigo? Você é muito bonita, sabia?

Esse trecho de outro texto também contribui para pensar as tensões que se tornam aparentes numa escola ocupada.

Assim encheremos as escolas e as ruas de pretos e pobres. Ainda podemos ouvir correntes que nossos antepassados usaram, e não aceitaremos estar sob essa condição novamente. *Ocupemos esse lugar que sempre foi nosso.* Ocupemos porque não aceitaremos nada menos do que isso.

Portanto, observa-se que as discussões sobre o feminismo, o papel da mulher na sociedade e as questões étnico raciais passaram a ser temas amplamente discutidos na ocupação. Obviamente a cidadania é conteúdo curricular, mas ali vivíamos um outro currículo de cidadania, história, música, artes visuais, etc, pautadas não mais pelos documentos curriculares oficiais. Eram vozes femininas, pretas e das classes populares as vozes da ocupação? Não necessariamente, mas certamente essas lutas vieram a ocupar um papel destacado em todo o período em que a escola permaneceu ocupada. Portanto a ocupação desloca mais linhas abissais e joga para o lado de cá as lutas das mulheres, dos negros e dos pobres, ou seja, traz essa conversa complicada para o currículo da ocupação.

Em outro trecho podemos ler:

Ao longo desses 63 dias de ocupação (...), resistimos a um governo antidemocrático e intransigente. As

inúmeras medidas por ele tomadas, retrocedendo conquistas sociais de anos, nos moveram a ocupar. Um espaço anteriormente preenchido por respostas inquestionáveis agora guardava em seu seio jovens inseguros, espalhando incertezas onde elas nunca couberam. Democracia, um conceito perdido em breves definições didáticas, foi redescoberto. Em um contexto de rápidas reações virtuais, estar fisicamente em comunidade nos despertou para o outro, nos ofereceu uma formação cidadã que o anterior modelo pedagógico nunca pôde. Nossa autogestão permitiu a prática de um projeto de mundo horizontal e sem injustiças, cujo o qual pensávamos ser impraticável até então.

Neste trecho, vemos a preocupação com o movimento político antidemocrático que culminou com o golpe (SOUZA, 2016) que destituiu a presidenta Dilma Rousseff e paradoxalmente a descoberta de uma prática democrática dentro do espaço escolar, esse não mais dominado pelas certezas acadêmicas que historicamente o constituíram como espaço "do saber". A ocupação criou outras tessituras de escolas dentro daquela escola supostamente controlada pelos currículos oficiais. Por isso, destaco que mesmo ocupada a escola não deixou de ser um espaço de formação para esses estudantes, e, certamente emergiu como um espaço de autoformação. No decorrer de todo o processo, alguns estudantes não resistiram às condições precárias dos dormitórios improvisados e às pressões psicológicas impostas pela sociedade em geral e especialmente por responsáveis e professores nutridos pela mídia corporativa e atiçados por grupos raivosos que os ameaçavam nas redes sociais. Ao final, muitos eram os que frequentavam a ocupação diariamente, mas poucos conseguiam ficar para dormir na escola. Lembro de ser essa uma questão relevante para o movimento pois a garantia da ocupação estava justamente nos corpos que ali permaneciam ocupantes.

Pro fim, um trecho do texto que comunica o final do processo de ocupação e anuncia a proposta de outra forma de ocupar a escola:

Hoje, desocupamos fisicamente o espaço escolar para seguirmos ocupando-o ideologicamente, com nossa herança negra e periférica exibida orgulhosamente. A luta, por sua vez, não termina aqui. A ocupação teve seu início e o fim não contempla o agora.

A produção textual e artística da ocupação se expande para a poesia e para relatos intensos da experiência da ocupação que não cabem nesse texto, nessa pesquisa, nesse mundo. Mesmo assim, ao invés de concluir este trabalho com uma ideia de completude, opto por fazer de outra forma, concluo com uma frase que embora seja curta, expressa muito bem o que foi a ocupação para os que viveram intensamente esses dias.

"Quando ocupamos, ressignificamos o espaço, iniciando um processo de reconhecimento do existir, onde o barulho é a resposta."

Referências Bibliográficas

- ALVES, N. Decifrando o pergaminho - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A: 2001.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- EVARISTO, C. **Becos de memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FERNANDES, N. da N. **O rapto ideológico da categoria subúrbio**: Rio de Janeiro 1858/1945. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- MANHÃES, Luiz C.S. Rede que te quero rede: por uma pedagogia da embolada In: OLIVEIRA, Inês B. de; ALVES, Neila G. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**- sobre redes de saberes. Petrópolis, RJ: DP&A, 2008.
- PRESTES, E.; SUSSEKIND, M. L. **Armadilhas e espelhos**: pensando políticas de currículo num contexto de democracia em risco. Revista Comunitas, v. 1, n. 2, 2017.
- SANTOS, B. S. (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2011.
- SOUZA, J. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.
- SUSSEKIND, M. L. **Quem é... Willian F. Pinar?** Petrópolis, RJ: De Petrus et Alli, 2014.
- OLIVEIRA, I. B. **O Currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.